



MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA FREUDO-FRANKFURTIANA E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Dinâmicas socioeconômicas regionais

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo analisar o desenvolvimento histórico da sociedade e os impactos das formas de organização da produção na sociedade e nas pessoas. Nesse sentido, são descritas as principais observações de Freud (2019 – obra original de 1936) na obra *O mal-estar na civilização*, visando fazer uma atualização dessas observações com a lente crítica frankfurtiana e a visão da Ciência do Desenvolvimento Regional, através de aspectos considerados basilares. Assuntos como a gestão ambiental e a desigualdade trouxeram aproximações com o conceito de gestão social e requerem uma análise interpretativa dos fenômenos sociais e organizacionais, com vistas a uma visão mais focada no bem comum, evidenciando formas de organização da produção mais flexíveis e alinhadas às demandas sociais, envolvendo questões multidimensionais e suas relações psíquicas.

Palavras-chave: Sociedade. Análise Freudofrankfurtiana. Desenvolvimento Regional.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio, começo com uma quebra paradigmática aparentemente singela para uma pessoa oriunda das Ciências Sociais Aplicadas, que é escrever o texto em primeira pessoa, denotando, para mim, uma reflexão diferente, visto que fui acostumado – e até doutrinado – a escrever usando o verbo de forma impessoal, desde os tempos do primeiro trabalho de conclusão do curso de graduação.

A reflexão aqui proposta também parece pretensiosa, mas considero que o assunto é de extrema profundidade e de complexidade multidimensional e, de forma alguma, pretendo fazer todas as análises que envolvem uma atualização sobre a obra freudiana *O mal-estar na civilização* (FREUD, 2019) e todas as suas implicações na contemporaneidade para o Desenvolvimento Regional e para a psique das pessoas. Não sou ingênuo, como diria Ramos (1989), para fazer tal afirmação.



A proposta baseia-se em fazer uma aproximação entre as principais questões cognitivas citadas no texto de *O mal-estar na civilização* (FREUD, 2019) e os aspectos considerados basilares para o Desenvolvimento Regional, citados, em especial por Silveira (2020), Brandão (2023), Favareto (2022) destacando oito observações para pensarmos o regional e aspectos focados em exemplos do território latino.

Pretendo escrever com a lente interdisciplinar das Ciências Sociais Aplicadas, do Desenvolvimento Regional e da Psicanálise, última área do conhecimento em que foco meus estudos neste momento, para fazer algumas observações do que chamarei de “mal-estar na sociedade” a partir deste momento, com as constatações que meus olhos me permitem enxergar.

Destaco, também, que, etimologicamente, o termo “civilização” denota “conjunto de aspectos peculiares à vida intelectual, artística, moral e material de uma época, de uma região, de um país ou de uma sociedade”, sendo o termo “sociedade” comumente mais utilizado e, por esse motivo, priorizado neste ensaio. O primeiro termo também contempla o significado de ato de civilizar, que tem relação com aspectos psíquicos e cognitivos da humanidade, no momento histórico do limiar da sociedade industrial, quando Freud escreveu o primeiro texto, e na contemporaneidade, com a possibilidade multidimensional e multiescalar do pós-industrial, com aumento das questões supersimbólicas (BELL, 1977; TOFFLER, 1995; FAVARETO, 2020).

Freud (2019) realizou suas observações sobre a sociedade e sua relação na psique humana exatamente no período conhecido na história como final do processo de revolução industrial, o que denominamos, em termos mais sociológicos, sociedade industrial, com todos seus impactos na cognição e no estilo de vida das pessoas (FONTOURA; WITTMANN, 2016).

Percebo, influenciado pela sociologia econômica (BELL, 1977; TOFFLER, 1995), que estamos, possivelmente, em um momento similar ou análogo de transição paradigmática, como diria Kuhn (2005), só que desta vez para uma organização da produção pós-industrial, ou supersimbólica,



não querendo aqui defender “caixas fechadas” ou nomenclaturas que, muitas vezes, visam mais o modismo do que qualquer outra coisa (TOFFLER, 1995; FAVARETTO, 2020).

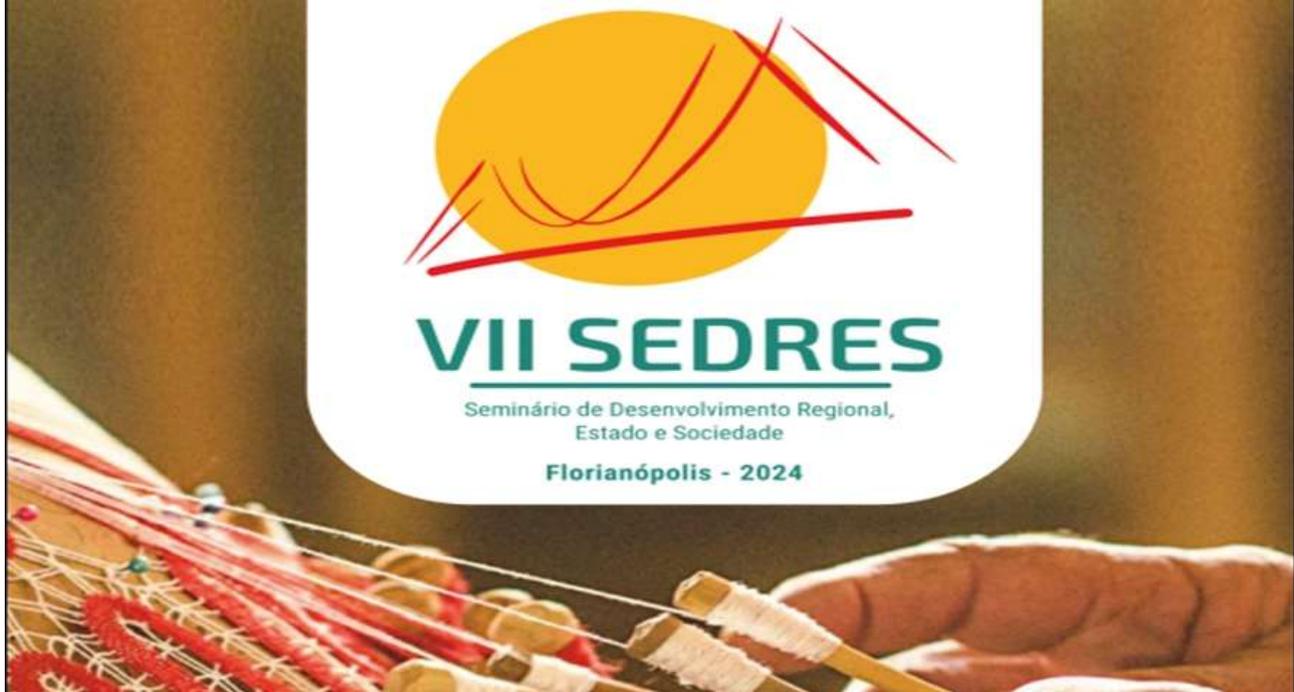
Entretanto, a inovação dos processos organizacionais e industriais, apesar de importante, é apenas um dos elementos do mercado. Uma série de questões estruturais, como a igualdade social, até para estimular o consumo, a cultura, a gestão dos recursos naturais e dos territórios, o câmbio, os aspectos fiscais, entre outros fatores, bem como a psique e condições e vida, são fundamentais para uma visão multidimensional do desenvolvimento, em que todos os agentes se sintam partícipes de uma sociedade mais voltada para o bem comum.

Essa discussão passa por uma sociedade mais crítica, que não acredita, de forma ingênua, que apenas um fato ou dimensão pode explicar ou auxiliar de forma hegemônica nos complexos processos de desenvolvimento das regiões, visto que o homem, no seu desenvolvimento histórico influenciado pela epistemologia positivista, tende ao unidimensionalismo. À medida que começa a pensar nas suas convicções alicerçadas por uma caminhada histórica, o homem passa a ser bidimensional, pelo simples fato de pensar sobre suas ações na sociedade (Marcuse, 1973; Ramos, 1989; Ramos, 1996).

Nesse sentido, este ensaio objetiva analisar e descrever as principais alterações ou continuidades nas observações de Freud (2019), na obra *O mal-estar na civilização*, para as pessoas e para a sociedade, em um momento histórico que apresenta a possibilidade pós-industrial.

Este ensaio vai apresentar o método de análise freudofrankfurtiana, os principais aspectos descritos por Freud no texto original e possíveis atualizações na contemporaneidade, que podem ser consideradas estruturais para o Desenvolvimento Regional, bem como as considerações finais do estudo.

A ANÁLISE FREUDOFRANKFURTIANA DA SOCIEDADE

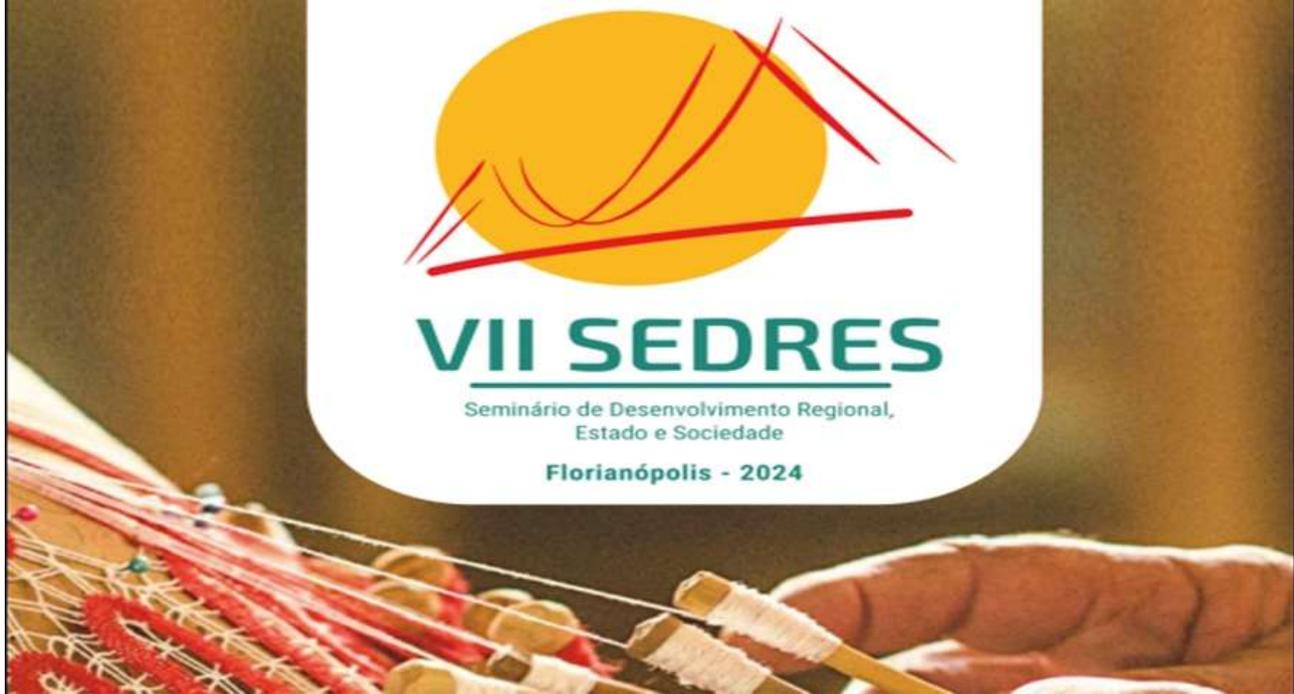


Para pensar em termos teóricos e metodológicos em uma análise freudofrankfurtiana da sociedade, recorri aos estudos de De Paula (2016), que, segundo minhas observações, propõe em primazia esta discussão, envolvendo aspectos sociais e organizacionais, já que penso nas formas de organização da produção de forma ampla. Vale citar que esse assunto é por vezes pouco aprofundado nos estudos organizacionais e esquecido no Desenvolvimento Regional.

Um percurso histórico para auxiliar os estudos organizacionais e sociais ocorreu graças à oposição realizada pelas abordagens alternativas, como o interpretativismo e os estudos críticos, à hegemonia do funcionalismo, apresentando, assim, novos “caminhos paradigmáticos” para os pesquisadores (DE PAULA, 2016). Esse foi um movimento positivo realizado pelo campo disciplinar, mas também teve um custo: o estado de “guerra paradigmática”, do qual até hoje não conseguimos nos desvencilhar, trazendo a contribuição dos estudos organizacionais, às vezes negligenciados pelos estudiosos do Desenvolvimento Regional, apesar de Marx e, contemporaneamente, Barros e Dainezi (2014) mencionarem que tudo que flui na sociedade tem influência das formas de organização da produção, consequentemente passando pelas organizações.

A abordagem por uma nova ciência das organizações com óculos regulado para entender para além dos estudos de eficiência e eficácia não é nova e já amplamente abordada nos estudos de Ramos (1989), no sentido de se entender as dinâmicas de produção e seus impactos na sociedade e na cognição humana, visto que tudo que acontece na sociedade tem forte impacto nas formas de organização da produção (MARX, 1974).

Essa visão se contrapõe à hegemonia positivista, ao pensar em estudos de profundidade, visando a análise da totalidade, do contexto histórico e da visão dialética nas observações. Categorias de análise que se alinham ao pensamento crítico frankfurtiano, mas também à visão da complexidade a partir de Morin (2011), entendendo a importância de todas as matrizes epistemológicas para o desenvolvimento da ciência e da sociedade, compartilhando a visão de incompletude cognitiva em termos epistemológicos, em contramovimento às dicotomias.



Essa base epistemológica é bastante influenciada pelos estudos de Horkheimer (1974), que apresenta uma alternativa à teoria tradicional, influenciando várias áreas do conhecimento, inclusive a indústria cultural, com a proposta de duas categorias de análise para embasar estas reflexões – o contexto histórico e a dialética – nos estudos regionais, com foco também na abordagem territorial.

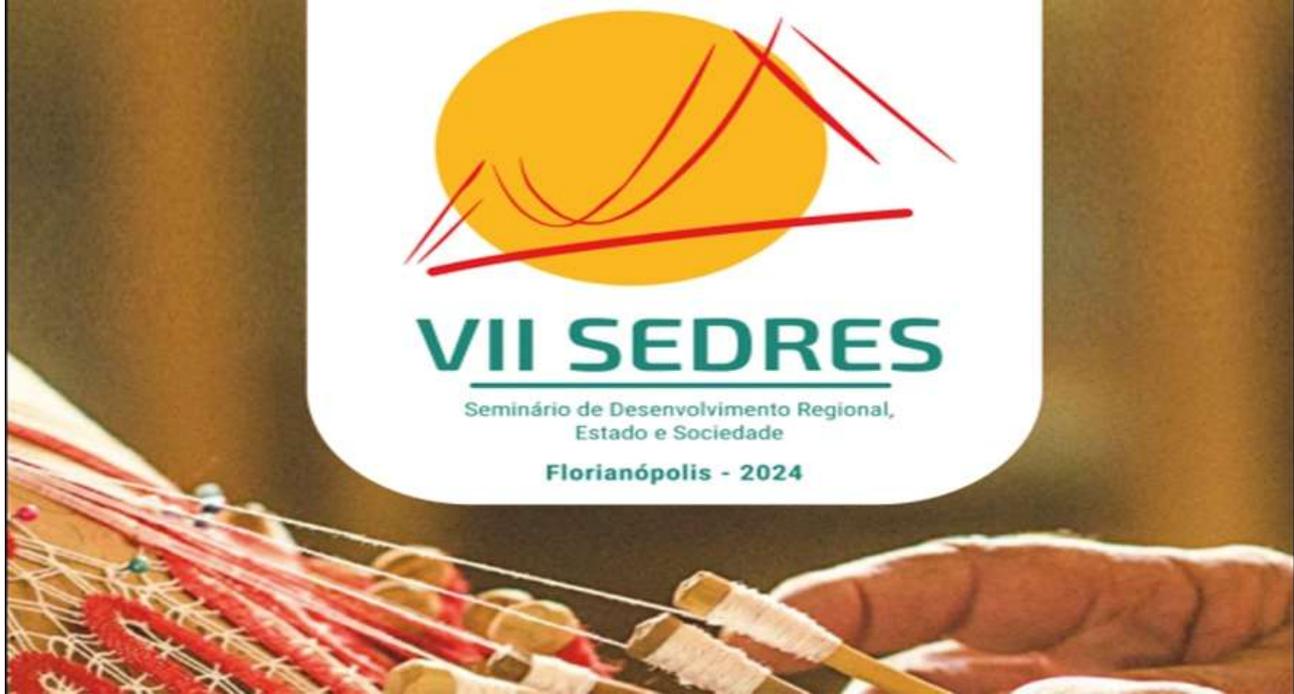
Além disso, o entendimento do que é a dialética para os frankfurtianos os leva a considerá-la como sinônimo de crítica, pois ela seria uma operação que leva à emancipação (...), Max Horkheimer afirma que a teoria crítica de sociedade se opõe à desumanização e à lógica cartesiana, defendendo um humanismo e uma lógica dialética (DE PAULA, 2016, p. 188).

Nesse contexto, faz sentido pensar em termos freudofrankfurtianos, visto que Freud sempre se preocupou em desenvolver o pensamento psicanalítico para a emancipação humana, tentando inclusive isolar o caráter fortemente religioso que predominava em sua época.

(...) O êxito de Sigmund Freud está no fato de colocar lado a lado, dialeticamente, o modelo teórico energetista e a exigência hermenêutica, que a princípio poderiam parecer dimensões incompatíveis. Por outro lado, Sigmund Freud vai além do interesse técnico e prático, para abranger também um interesse emancipatório (De Paula, 2016, p. 215).

Então, chamo aqui de análise freudofrankfurtiana uma abordagem crítica de relações entre matrizes epistemológicas que não separam o campo da vida real, mesmo que não vista pela lente comum, uma vez que, em psicanálise, a realidade, na maioria das vezes, é aquilo que não se consegue ver, e aqui, no campo teórico e metodológico, contemplamos a já citada tese da incompletude das matrizes epistemológicas, em uma abordagem crítica e complexa das fenomenias.

As relações históricas, dialéticas e de visão de uma totalidade são as principais observações que aprofundam ou refinam a visão multidimensional para se pensar o Desenvolvimento Regional e para entender os principais anseios das pessoas em uma comparação histórica do início da sociedade industrial e a possibilidade de uma sociedade pós-industrial. Faço isso sem me preocupar demasiadamente com as nomenclaturas e fugindo dos modismos tão impregnados na literatura, mas optando por seguir com o termo partindo da sociologia econômica internacional, com Bell (1977), Toffler (1995) e, atualmente, autores do Desenvolvimento Regional que já começam a usar o termo, como



Favaretto (2020). (Ver Fontoura 2019, macroperíodos do desenvolvimento, artesanal, industrial e pós-industrial).

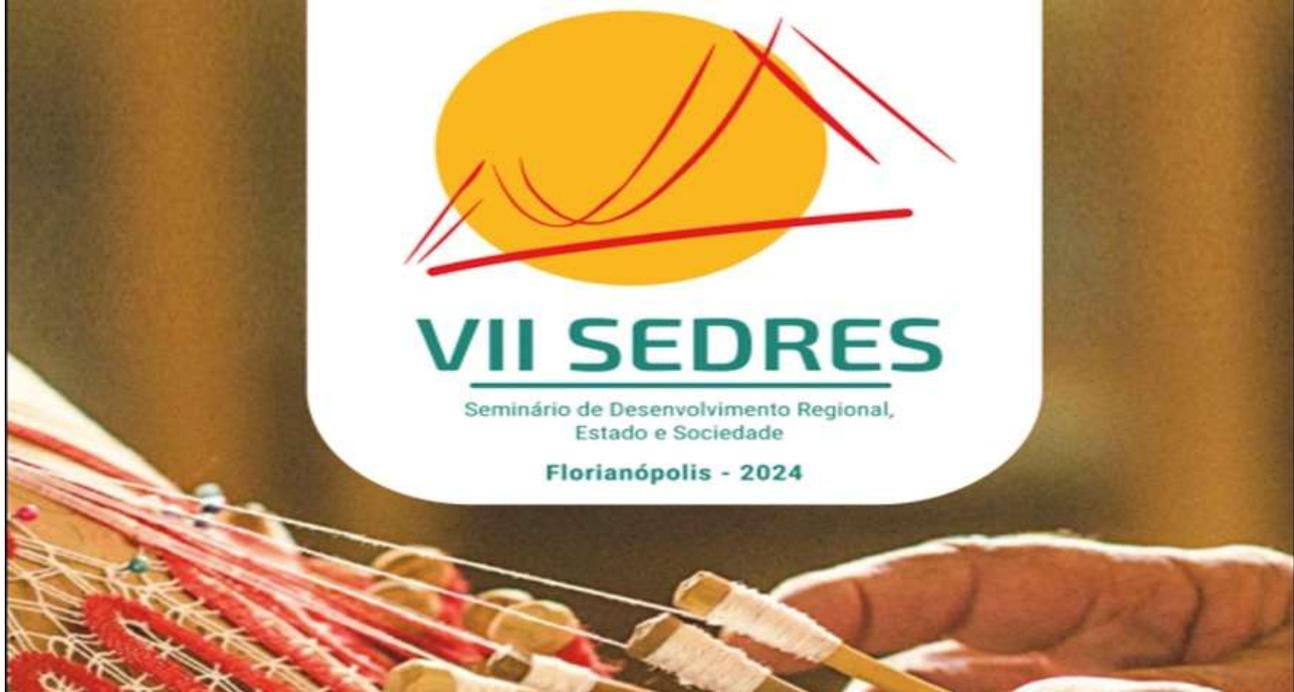
Neste sentido, descreverei as principais observações de Freud na obra *O mal-estar na civilização* (2019); na sequência, abordarei os aspectos basilares para o Desenvolvimento Regional, na perspectiva crítica, e farei alguns apontamentos sobre essas duas vertentes e seus impactos na vida das pessoas nesses dois momentos.

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO A PARTIR DE FREUD

Na obra *O mal-estar na civilização*, Freud (2019) apresenta aspectos gerais da psique que parecem atemporais, em um momento histórico marcado por revoluções no campo das formas de organização da produção com seus impactos na vida das pessoas e na sociedade – conhecido na literatura nacional e internacional como revolução industrial, logo após o advento da máquina a vapor, com desdobramentos, também, nas disputas de poder inerentes a esse processo social e econômico, que norteiam a complexidade multidimensional da sociedade.

Vou usar como método de observação reflexiva destaques a partir da própria obra e do contexto histórico da sociedade e, na sequência do artigo, farei observações contemporâneas, entretanto partindo de apontamentos-chave da reflexão original, sendo um **primeiro** relativo às **disputas de poder**.

Para Freud (2019), é impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental.



Freud nos estimula a pensar a partir dos tópicos ego, id e superego, evidenciando que a psique humana não apresenta autonomia de pensamento, e que as pessoas, influenciadas pelas formas de organização da produção, bem como por vários outros fatores da sociedade, não têm domínio das suas emoções como pensam que têm, fortemente influenciadas que são pela sensação de prazer.

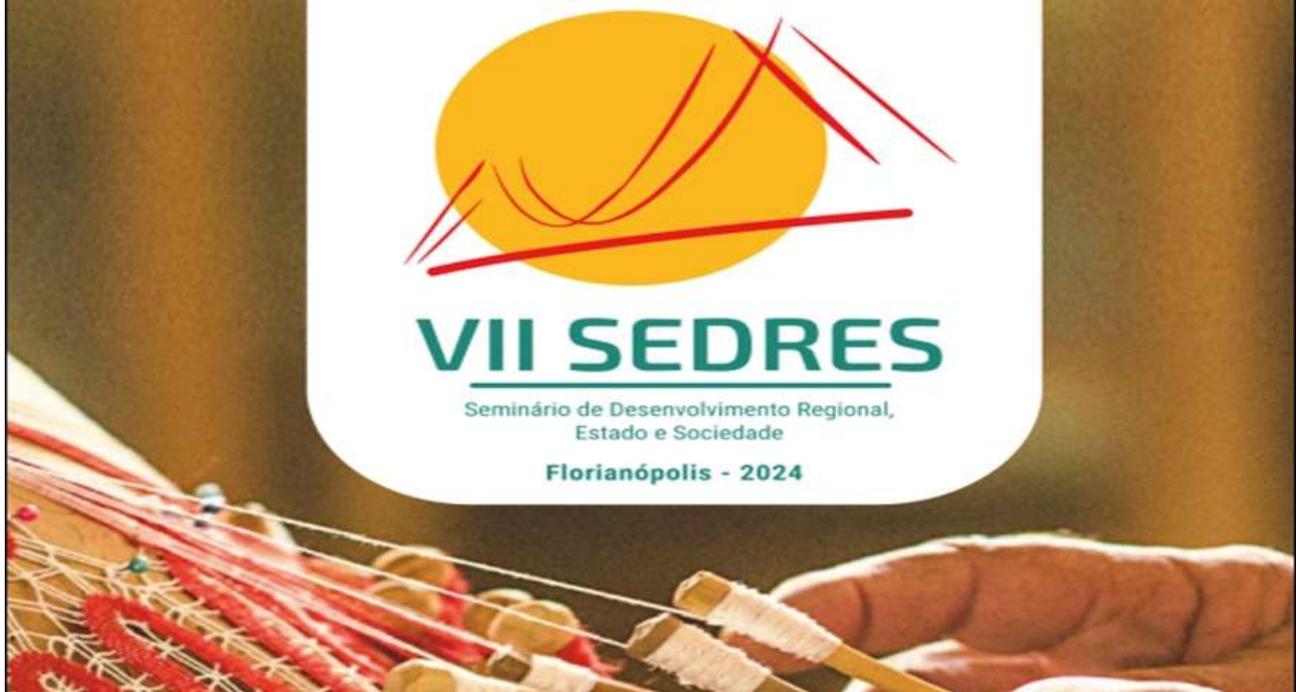
Uma segunda observação seria, justamente, sobre um tema amplamente discutido na literatura psicanalítica, que é a questão do **princípio do prazer**, que apresenta relações com os momentos históricos. Na origem, Freud já descreve que esse prazer, quando saciado, atenua a satisfação, denotando questões exploradas na sociedade do consumo ou industrial, que estava se instaurando, com observações sobre o desenvolvimento do capitalismo já apresentadas também por Marx.

Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (Freud, 1936).

Uma terceira observação dos relatos de *O mal-estar na civilização* (Freud, 2019) que tem forte relação com a questão do prazer é a **felicidade**, a necessidade de se repensar estilos de vida. Na própria literatura em Desenvolvimento Regional, encontro essa discussão revisitada na dicotomia entre crescimento e desenvolvimento. A felicidade em que nem sempre PIB representa melhoria na qualidade de vida e a felicidade das pessoas. Esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é, em grande parte, responsável por nossa desgraça, e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas (Freud, 2019).

Em muitos casos, os observadores haviam erroneamente atribuído à ausência de exigências culturais complicadas o que de fato era devido à generosidade da natureza e à facilidade com que as principais necessidades humanas eram satisfeitas. (Freud, 2019, p. 95).

Ainda sobre a felicidade, a terceira observação que destaco no texto original de Freud é que, apesar de avanços tecnológicos da sociedade industrial, de maior acesso às tecnologias da época,



como o telefone, e a maior possibilidade de conforto, tudo isso nem sempre converte em maior felicidade neste momento histórico, apresentando uma espécie de inquietude humana, tão explorada no decorrer da sociedade industrial pela abordagem schupeteriana da criação destrutiva.

Ainda sobre a reflexão a respeito de prazer e felicidade, Freud preconiza que a evolução social e tecnológica tende a aumentar com a sociedade industrial e que o homem vai seguir despertando novas necessidades, sendo essa uma lógica do próprio capitalismo também descrita por autores contemporâneos, como Barros e Dainezi, (2014), em devaneios da atualidade do capital. Esse tema remete, a meu ver, a uma agenda para se pensar o Desenvolvimento Regional, na linha de organizações, mercados e desenvolvimento a que me filio, no sentido de alternativas para as teorias das necessidades amplamente trabalhadas, inclusive pelo *marketing* tradicional, para teorias das possibilidades. Nessa senda, recomendo rever observações já realizadas pelo frankfurtiano Marcuse (1972) no campo sociológico.

Uma quarta observação, não menos importante, ainda mais para o campo psicanalítico, é sobre a **sexualidade** e seus desdobramentos no próprio princípio do prazer e na felicidade já citada. Para uma pessoa neurótica, o sofrimento sexual pode ser aumentado para satisfação de necessidades sublimadas ou fantasiadas pela própria neurose, trazendo sofrimento adicional. Na análise social, Freud amplia essa discussão com relação direta com as questões econômicas de propriedade, por exemplo:

Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. Como as necessidades de todos seriam satisfeitas, ninguém teria razão alguma para encarar outrem como inimigo; todos, de boa vontade, empreenderiam o trabalho que se fizesse necessário. Não estou interessado em nenhuma crítica econômica do sistema comunista; não posso investigar se a abolição da propriedade privada é conveniente ou vantajosa. Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema se baseia são uma ilusão insustentável (Freud, 2019, p. 119).



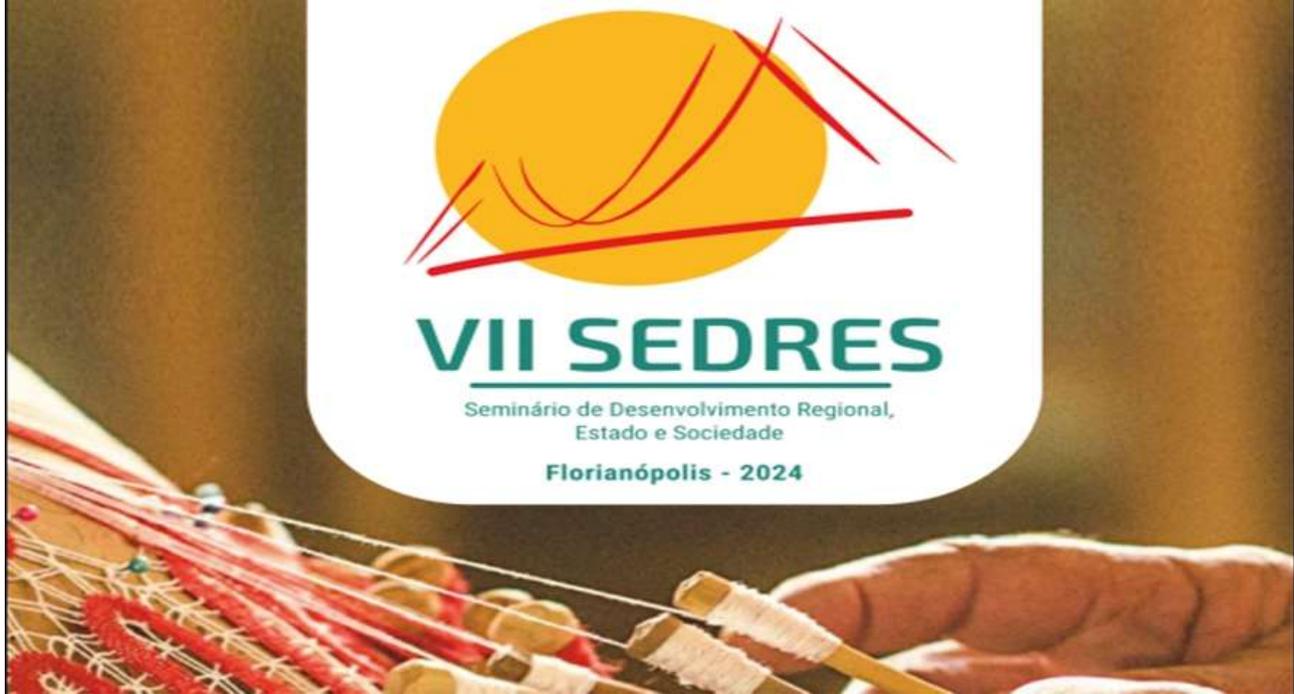
Na polêmica citação que permeia o campo da economia política, Freud faz uma alusão ao princípio do prazer e à propriedade e seus possíveis impactos para a psique humana. Neste estudo, repetindo o tangencionamento do autor, não vou entrar no mérito, por não ser exatamente esse o meu objetivo no momento. Então, tendo em vista essa sociedade com todos os seus modismos, poliformias, culturas, dependendo das regiões, com todas suas especificidades, mas já na sociedade industrial, com alto grau de homogeneização, impondo grande necessidade de adaptação e sofrimento para as pessoas, faço a quinta observação sobre a obra freudiana, que é o **impulso de agressividade** inerente à humanidade em todo seu desenvolvimento histórico. Esse impulso pode ser maior ou menor em alguns momentos, variando de cultura para cultura também, mas, de qualquer forma, muito já chamou a atenção de Freud, em 1936, na escrita da obra *O mal-estar na civilização*.

Esse perigo é mais ameaçador onde os vínculos de uma sociedade são constituídos principalmente pelas identificações dos seus membros uns com os outros, enquanto indivíduos do tipo de um líder não adquirem a importância que lhes deveria caber na formação de um grupo (Freud, 2019). Essa citação também parece bem atual no campo das polarizações políticas no cenário nacional e internacional.

Para finalizar as observações sobre *O mal-estar na civilização* (Freud, 2019), fiz uma condensação em uma tríade, aparentada por Freud como impulsora de muitas ações na sociedade, qual seja: **fome, amor e complexo de culpa.**

De todas as partes lentamente desenvolvidas da teoria analítica, a teoria dos instintos foi a que mais penosa e cautelosamente progrediu. Contudo, essa teoria era tão indispensável a toda a estrutura, que algo tinha de ser colocado em seu lugar. No que constituía, a princípio, minha completa perplexidade, tomei como ponto de partida uma expressão do poeta-filósofo Schiller: 'são a fome e o amor que movem o mundo' (Freud, 2019, p. 123).

A questão da fome é lembrada nos estudos atuais sobre a desigualdade, sendo amplamente discutida, principalmente no caso da América Latina, por seus reflexos econômicos e sociais multidimensionais, bem como por sua relação com o complexo de culpa.



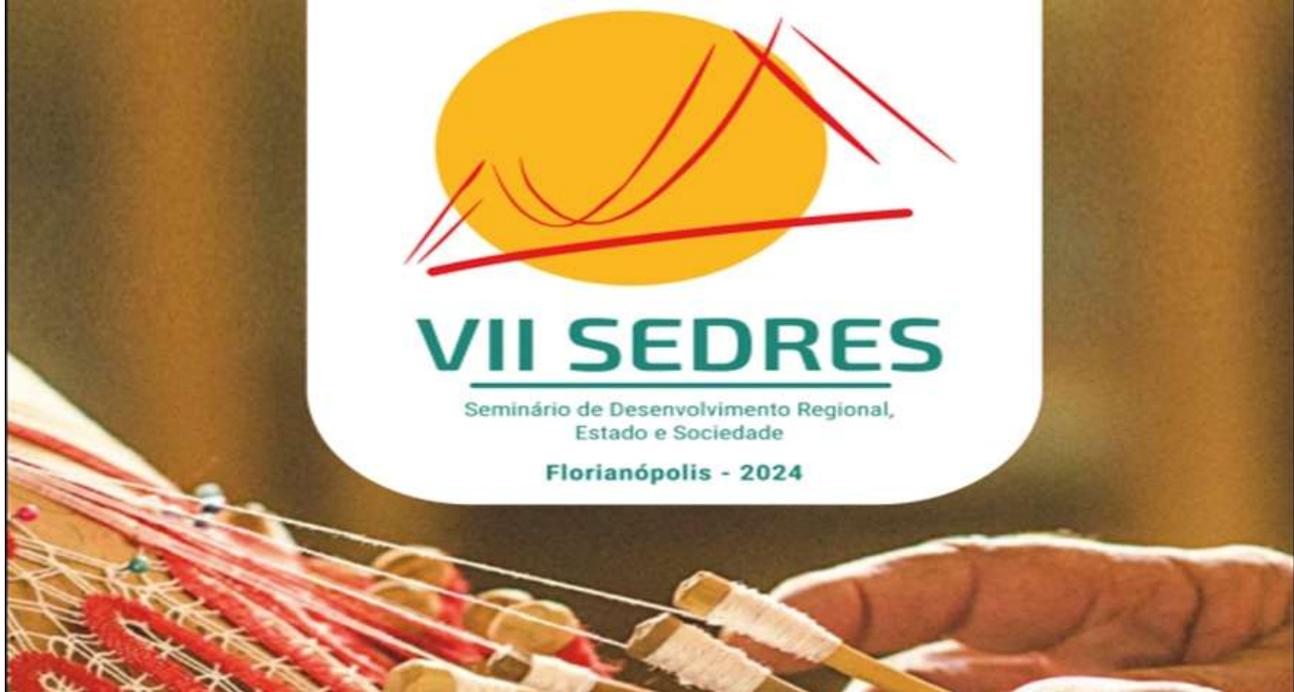
Quanto à origem do sentimento de culpa, as opiniões do analista diferem das dos outros psicólogos, embora também ele não ache fácil descrevê-lo. Inicialmente, se perguntarmos como uma pessoa vem a ter sentimento de culpa, chegaremos a uma resposta indiscutível: uma pessoa sente-se culpada (os devotos diriam 'pecadora') quando fez algo que sabe ser 'mau'. (Freud, 2019, p. 130).

A perda do amor, por exemplo, em uma sociedade supersimbólica, em que as pessoas expõem as suas vidas mais do que na sociedade industrial, pode representar perda de poder e prestígio e pode trazer uma série de perigos psíquicos, no sentido de sentimento de culpa e inferioridade, assim como ainda ocorre muito nas relações homoafetivas, gerando impactos sociais e econômicos.

O pensamento crítico trazido por Freud nos ajuda a entender os principais anseios da humanidade, que sempre foi oprimida por uma sociedade que lhe impõe padrões de vida, econômicos, de *status* e que influencia as relações nos mais variados momentos da vida em que o ser humano, com todas essas questões, não tem total domínio dos seus processos inconscientes, com todas essas influências ambientais e seus impactos nas ações da humanidade.

(...) O processo da civilização da espécie humana é, naturalmente, uma abstração de ordem mais elevada do que a do desenvolvimento do indivíduo, sendo, portanto, de mais difícil apreensão em termos concretos; tampouco devemos perseguir as analogias a um extremo obsessivo. (Freud, 2019, pp.145-146).

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição, marcadas no seu desenvolvimento histórico por disputas de poder envolvendo questões sociais e econômicas que se ressignificam desde a sociedade industrial. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram maior domínio sobre as forças da natureza, um tal controle que, com sua ajuda, não teriam dificuldade em se exterminarem uns aos outros; em todo esse período entre o industrial e o possível pós-industrial, muitas vezes foi negligenciada a diversidade multidimensional (FREUD, 2019).



Dessa forma, após o destaque a oito observações da obra freudiana, o desafio é refletir sobre as possíveis aproximações com as principais questões consideradas basilares para o Desenvolvimento Regional na contemporaneidade, pensando em possibilidades e contrapondo a visão das teorias das necessidades, ao meu ver mais alinhada à sociedade industrial, que já dá sinais muito claros de estagnação como modelo econômico (HARVEY, 1992).

RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A GESTÃO SOCIAL

Com base na discussão apresentada até aqui, penso que a ciência do Desenvolvimento Regional pode ser basilar para abordar a complexidade da sociedade em todos os seus aspectos cognitivos e econômicos, com toda sua multidimensionalidade e multiescalaridade, e que a abordagem da gestão social descrita por Tenório (1998) também pode auxiliar nessa percepção, no sentido de pensarmos que os fenômenos sociais são também multifacetados, multifatoriais e que o ser humano, no seu desenvolvimento histórico, ainda que com sinais de ruptura da sociedade industrial, pensa muito atrelado na causa mais provável ou na principal (ou mais aparente) como a única. Assim como nas questões de mercado, que ainda se apresentam majoritariamente como a única base, destaques como estes apresentados são exemplos de visão unidimensional, dado o amplo período industrial de organização da produção.

Ainda, ao avançar na discussão da complexidade social a partir de Morin (2011), posso pensar que todos esses fatos – ou fenomenias – não possuem causas e são resultado de uma série de forças propulsoras com olhar para a totalidade, para a dialética e para o contexto histórico como categoria de análise. Diga-se de passagem, essas categorias ancoram o pensamento crítico frankfurtiano e a própria Teoria da Complexidade, mas meu objetivo aqui não seria uma proposta de unificação ou aproximação das escolas, apenas uma reflexão de alinhamento crítico no campo epistêmico.



Apesar da sua ousadia, abrangência e originalidade, o pensamento crítico latino-americano mencionado por Brandão (2023) apresenta algumas lacunas e insuficiências. Talvez a mais patente e decisiva seja ter, em certa medida, negligenciado as relações entre riqueza e poder, com destaque para a dinâmica da competição interestatal e, desse modo, por vezes, ter incorrido em algum nacionalismo metodológico (BRANDÃO, 2023). Recentemente, tenho percebido que Brandão traz uma reflexão sobre tópicos já observados por Freud na obra analisada, demonstrando claramente a atemporalidade daquelas reflexões no campo epistemológico e a sinergia das observações com as preocupações atuais para o Desenvolvimento Regional em termos de fundamentos básicos.

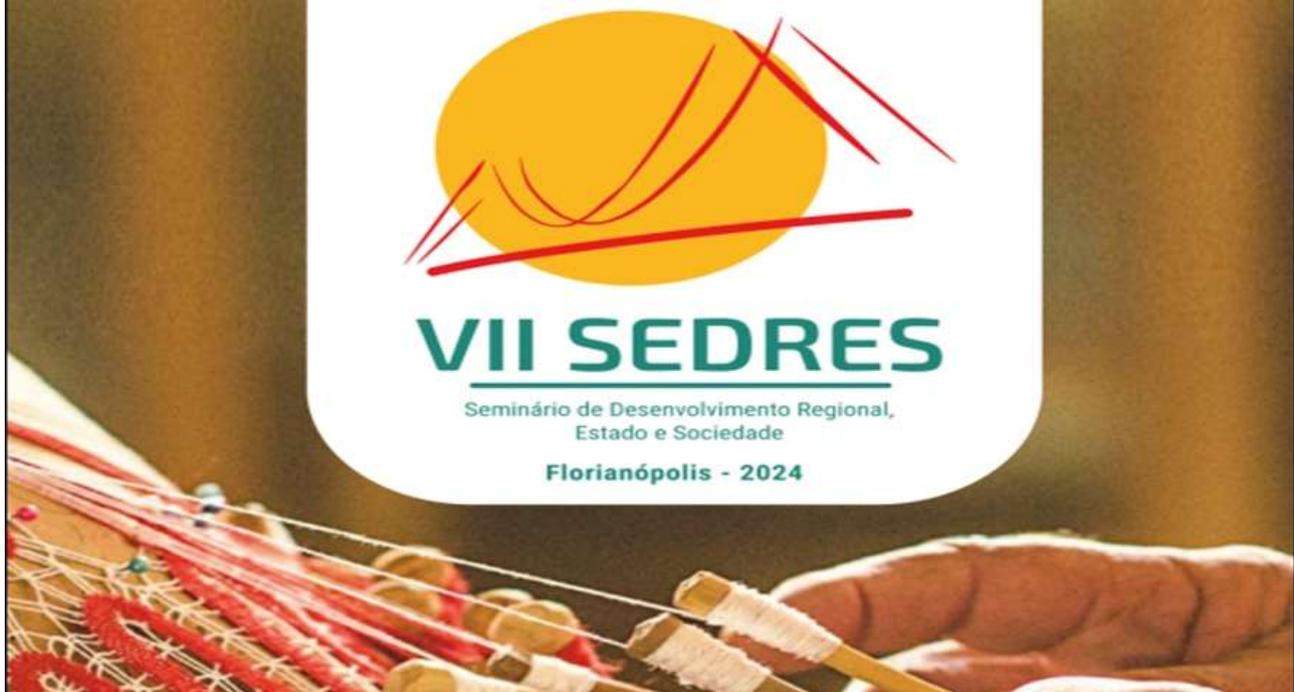
Em um processo de longa duração, colonialismo, escravismo e estruturas de propriedade arcaicas deram lugar ao rentismo, ao controle da terra rural e urbana e a um ambiente empresarial avesso ao risco e às inovações mais radicais. Ao mesmo tempo, forjaram-se variadas frações burguesas e pequeno-burguesas antipopulares, antinacionais e antidemocráticas, as quais vêm se fortalecendo recentemente (BRANDÃO, 2023), em especial no campo das dicotomias políticas.

Os espaços (econômicos e políticos) ocupados por facções de classe comandam e encadeiam as decisões cruciais do poder, da terra e do dinheiro (...), que vai tomando a forma de uma mera plataforma de exploração, expropriação, extorsão e extração. Na verdade, as elites conspiram contra a escala nacional e se protegem em uma escala internacionalizada de poder (BRANDÃO, 2023).

Brandão (2023, p. 10) ainda segue com algumas observações estruturais ou basilares relevantes:

Garante-se a retenção e a expansão de massas de dinheiro enquanto mercadoria universal-total acumulada, com a consolidação da taxa de juro como o padrão geral de remuneração do capital e da taxa de câmbio como a medida da comparabilidade com a moeda forte internacional. Assim, busca da acumulação (infinita) de símbolos gerais (formas universais) de riqueza, que fica orientada (depois dirigida) pelos sinais dos juros e do câmbio. Ocorre a invasão e a prevalência da lógica patrimonial (...).

Uma repetição social e histórica de ciclos de pobreza, que envolve discussões também estruturais de periferia e centro, discriminações, acesso aos serviços públicos – principalmente à educação – surge nessa discussão, revelando poucos privilegiados e concentração de renda, sendo a América



Latina um espaço fecundo para essas observações. O próprio desenvolvimento histórico do Brasil, fatiado em capitâneas, evidencia essa reflexão.

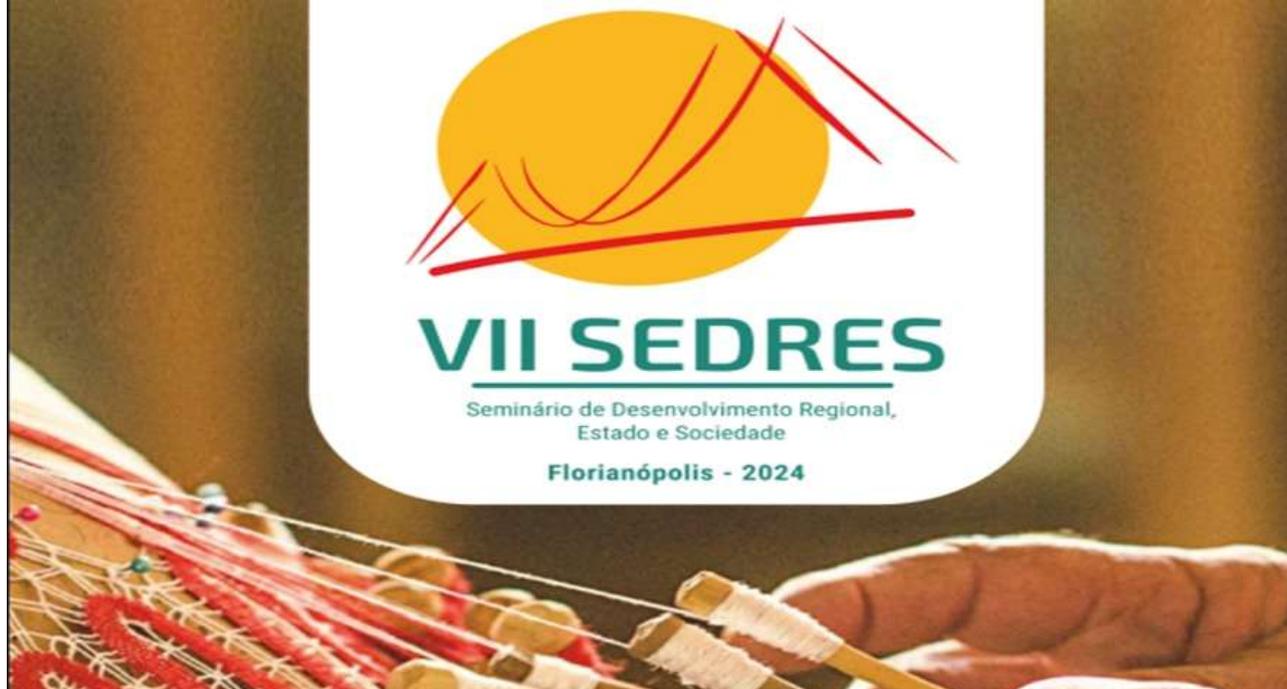
Como estabilizar um mundo com bifurcamentos extremados? De um lado, geometrias variáveis de poder, formas de dominação abstrata, lógicas de extração e capitalização de rendas e concentração de forças. De outro, todo tipo de precariedades, informalidades, exclusões, destituições, desclassificações, acúmulo descomunal de massas marginalizadas, deslocamento de refugiados, “mundos de trabalho” precarizados etc. (Brandão, 2023, p. 12).

Essas reflexões no campo central de se discutir renda e qualidade de vida, nas suas múltiplas escalas, também estão contempladas de forma a se pensar no territorial, com o desenvolvimento do pensamento da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), como uma fonte indicada para esta discussão.

Ao se analisar, tanto o período estruturalista como o neoestruturalista, percebe-se, em linhas gerais, uma dependência entre periferia e centro em todas as escalas regionais, desde as cidades pequenas até as grandes, e mesmo estados e países, com base em um modelo industrial que sofre historicamente a conhecida doença holandesa,¹ descrita na literatura econômica. O Brasil, por exemplo, também sofre dessa doença desde os tempos coloniais, pois baseia-se na produção de bens de pouco valor agregado e na importação de produtos de alto valor, o que gera uma série de consequências econômicas e sociais, dentre elas o desequilíbrio na balança de pagamentos.

Essa reflexão apresenta movimentos de contrários entre o estruturalismo e o possível neoestruturalismo da Cepal, sobre o qual vou discorrer na sequência deste ensaio, passando por uma análise dos 70 anos de constituição dessa Comissão (Quadro 1).

¹ O conceito de doença holandesa é conhecido na literatura econômica pelos efeitos multiescalares e multidimensionais que ocorrem a partir de uma produção focada na importação de bens de alto valor agregado e produção de monoculturas de baixo valor e baixa tecnologia utilizada.



Quadro 1 - Pensamento da Cepal

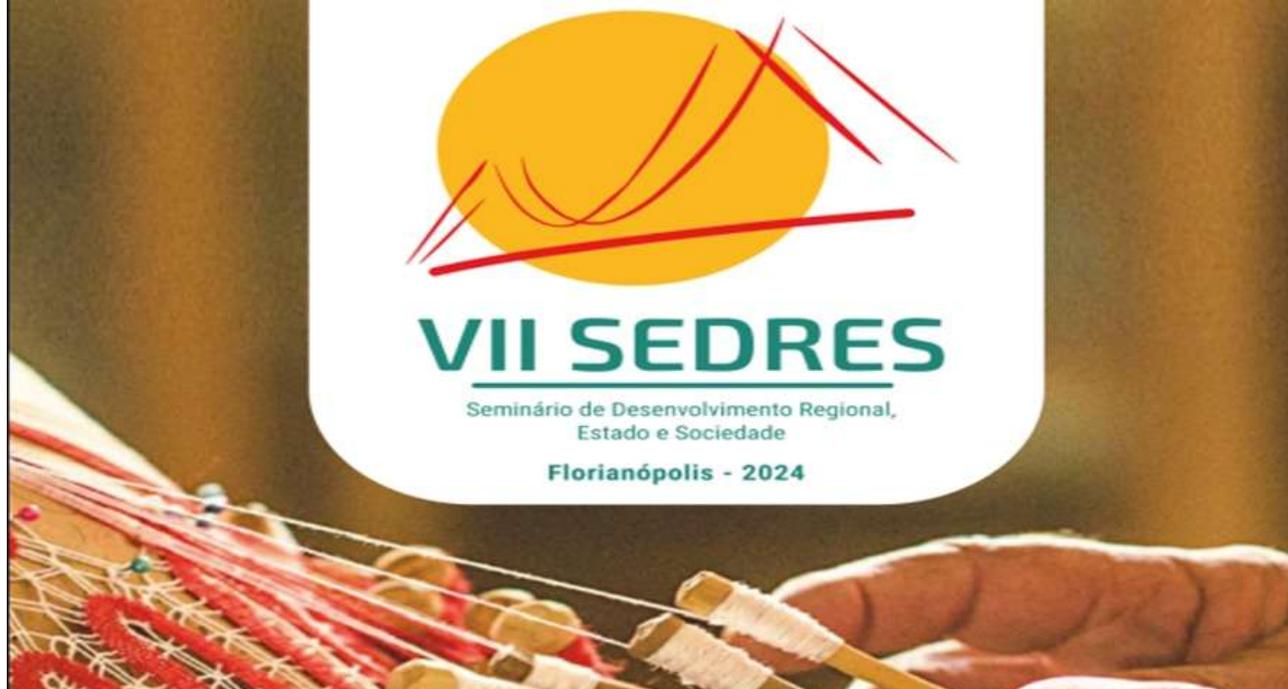
Período	Características
1950	Foco na industrialização
1960	Reformas para aprofundar a industrialização e reduzir a desigualdade
1970	Desenvolvimento com integração social e fomento às exportações
1980	Superação com crescimento e preocupação com a dívida externa
1990	Transformação produtiva com equidade
2000	Posicionamento da América Latina frente à globalização com desenvolvimento e cidadania
2010	O imperativo da igualdade

Fonte: Adaptado de Bieslchowsky, Torres (2018), Bieslchowsky (2020).

Entretanto, apesar de todas as análises, percebo uma questão central, que é a importância da escala de se pensar nas formas de organização da produção e sua influência, principalmente para se raciocinar em termos de fenomenias com imperativo para igualdade e para gestão social ainda abstrata para muitas áreas do conhecimento e para as pessoas em linhas gerais. Apesar de todos os sinais de estagnação do modelo industrial economicamente e mercadologicamente hegemônico já analisado por Harvey (1992), mas atualmente muito focadas nos aspectos cognitivos inerentes às formas de organização da produção.

ASPECTOS ESTRUTURAIS OU CONTRIBUIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Para começar esta discussão, cabe salientar que o próprio conceito de Desenvolvimento Regional traz uma complexidade multidimensional, multiescalar e transdisciplinar, e a sociedade em geral tem uma visão muito focada apenas no crescimento econômico, que na maioria das vezes não resulta no desenvolvimento de longo prazo, no bem-estar e na libertação das pessoas e da sociedade.

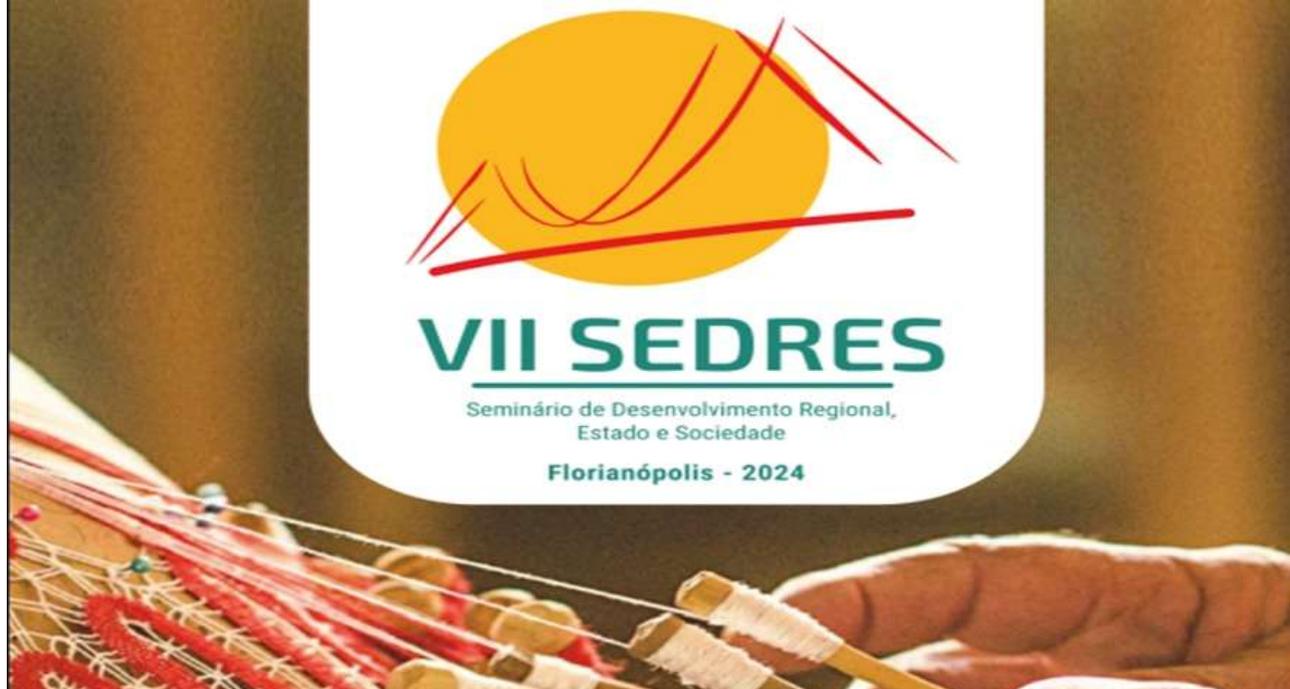


Nesse conceito, entender a diversidade das regiões e as questões econômicas e não econômicas que envolvem o desenvolvimento como um todo é um desafio para os estudos regionais, para as dinâmicas organizacionais e para as próprias políticas públicas (REIS, 2005). No entanto, o desenvolvimento é um tema discutido, geralmente, de forma interdisciplinar, especialmente nas ciências sociais e nas ciências sociais aplicadas, figurando como uma temática composta por várias interpretações, conforme referido por Scatolin (1989, p. 6):

Poucos são os outros conceitos nas Ciências Sociais que se têm prestado a tanta controvérsia. Conceitos como progresso, crescimento, industrialização, transformação, modernização, têm sido usados frequentemente como sinônimos de desenvolvimento.

Para a perspectiva neoliberal, basta que o Estado garanta o bom funcionamento do mercado; para o Novo Desenvolvimentismo, o Estado não tem mais o papel de produtor que tinha no estruturalismo, mas tem, entre seus papéis econômicos, o de evitar a armadilha macroeconômica dos juros altos e do câmbio apreciado (BRESSER-PEREIRA, 2020). Entretanto, para a Ciência do Desenvolvimento Regional, essas questões são multifacetadas, multifatoriais, dependendo de uma série de complexidades sistêmicas e de contradições desses processos.

Nessa linha, a Cepal publicou *Pactos para igualdade*, última obra de uma trilogia, com o objetivo de discutir questões estruturais para o desenvolvimento de curto e longo prazos, com viés para dois grandes desafios para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe, que envolvem: alcançar maior grau de igualdade e procurar sustentabilidade na atual inflexão do desenvolvimento frente às novas gerações (CEPAL, 2014). Por diversas vezes, no referido material, encontra-se o termo “desenvolvimento sustentável”, como movimento entre crescimento e igualdade. Vale lembrar que, de forma crítica, considerando a perspectiva adotada neste ensaio, não existe desenvolvimento sem pensar em sustentabilidade. Já a visão tradicional é mais focada no econômico unicamente, com viés de crescimento e progresso.



Cabe, então, analisar os aspectos estruturantes para a igualdade e, conseqüentemente, o desenvolvimento, conforme apresentados na obra da Cepal (2014), e fazer as relações com a gestão social e as questões cognitivas levantadas neste ensaio, a partir do mal-estar na civilização. Nessa senda, cabe destacar que as regiões se encontram em uma encruzilhada histórica para o desenvolvimento, com uma série de desafios que combinam restrições externas e problemas endógenos, entre eles: o dinamismo do comércio internacional, restrições à demanda, acesso ao financiamento, articulação regional frente à globalização. Em relação aos problemas internos, destacam-se: estrutura produtiva desarticulada e defasada, mercado de trabalho informal, baixo nível de investimento em tecnologia, débil governança dos recursos naturais, déficit dos serviços públicos, pressões ambientais e energéticas, debilidade de regulação e captação de recursos (CEPAL, 2014).

Nesse contexto, há uma centralidade que envolve todo o raciocínio e a complexidade de se pensar na sociedade como um todo e com viés de longo prazo para o desenvolvimento. Assim, “tanto a sustentabilidade econômica como a ambiental estão fortemente determinadas pelo perfil da estrutura produtiva. Para grande parte da região, é evidente a centralidade dos recursos naturais nesta estrutura” (CEPAL, 2014, p. 55). Essa análise cepalina alinha-se à análise histórica, muitas vezes negligenciada, de se pensar no olhar de Freud, a partir do início da sociedade industrial, para a contemporaneidade, com as múltiplas possibilidades supersimbólicas da sociedade pós-industrial.

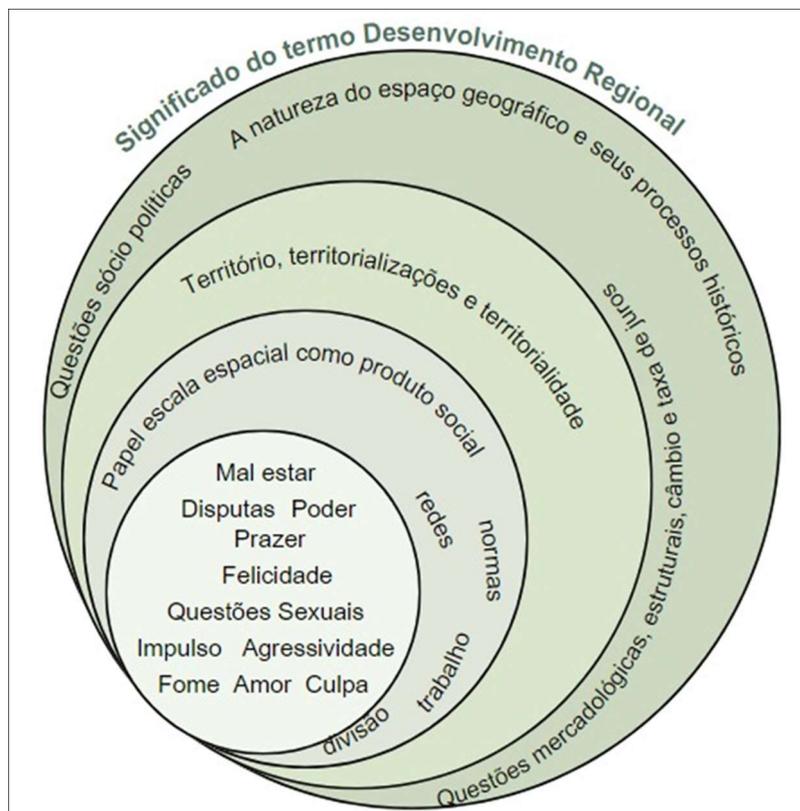
Percebo aqui, ao beber mais uma vez da Cepal, que a mudança estrutural está muito focada no entendimento das formas de organização da produção e da questão da igualdade, e como as formas de organização da produção em determinado momento histórico interferem no pensamento das pessoas e dos grupos sociais, suas mudanças de paradigmas e suas transversalidades, bem como algumas perpetuações.

Destaco, mais uma vez, a possibilidade de se refinar estudos críticos organizacionais com essa lente, um assunto também revisitado por Ramos (1989) e por Benko (1995), mas infelizmente fora da agenda de pesquisa em muitos eventos sobre Desenvolvimento Regional na atualidade.



Dessa forma, apresento uma redução para servir como modelo de análise para essa complexidade a partir das observações do próprio texto freudiano, de observações feitas por Silveira (2020) para se pensar o Desenvolvimento Regional, e observações realizadas por Brandão (2023), também para se pensar nessas questões, a partir do exemplo do território latino, em um *framework* que denominei, talvez por limitação dos óculos de complexidade sociológica, tendo como fundamento também a observação das formas de organização da produção e como essa se relaciona com o estilo de vida das pessoas, chegando a estados de espírito em um momento histórico e organizacional (Morgan, 1996).

Framework 1: A complexidade sociológica



Fonte: elaborado pelo autor, com base em Silveira, 2020; Brandão, 2023; Cepal, 2014.

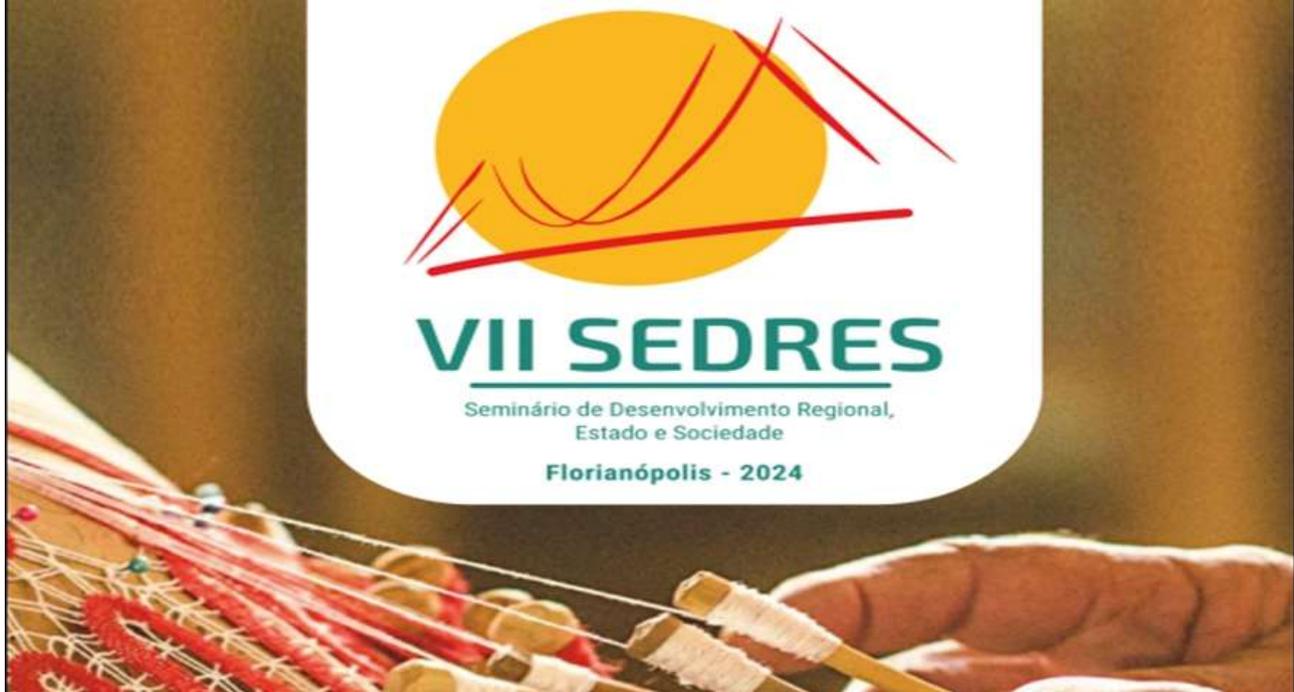


Como elementos atemporais, que permeiam essa discussão no campo psicanalítico, a figura apresenta as observações já mencionadas por Freud e descritas neste ensaio como estruturais e atemporais, como: disputas de poder, prazer, felicidade, questões sexuais, impulso de agressividade e a questão da igualdade na tríade fome, amor e culpa.

Percebo que essas questões são atemporais, ressignificadas em cada momento histórico e, como já citado, têm forte relação com as formas de organização da produção, para além do que é normalmente analisado nos estudos organizacionais, com todas suas repercussões na psique das pessoas, apesar de vários movimentos já realizados nos estudos organizacionais, como a própria abordagem do desenvolvimento organizacional, a abordagem sistêmica, a nova Ciência das Organizações (RAMOS, 1989), entre outras. Aqui proponho uma agenda de observações e pesquisas na linha interdisciplinar, já que a transdisciplinaridade ainda é algo difícil de se enxergar, envolvendo a origem nas Ciências Sociais Aplicadas, o Desenvolvimento Regional e a Psicanálise.

Também, no momento, entendo, concordando com Silveira (2020), que outra questão fundamental seria pensar na linha da gestão social dos territórios e na escala espacial como produto social no âmbito tanto das instituições públicas como das privadas, na também difícil missão de contrapor o universalismo ao utilitarismo. A escalaridade de se pensar os territórios como agentes vivos e não como meros receptáculos das formações meramente econômicas também é um debate revisitado em uma tentativa de análise crítica e sistêmica no que se refere a pensar em território, territorialização e territorialidades (SILVEIRA, 2020).

Essa análise, então, permeia o próprio significado do termo Desenvolvimento Regional, na sua difícil posição não homogeneizadora, na sua complexidade sociológica de entender o contexto histórico e a dialética econômica e não econômica, material, mas também imaterial, no sentido espiritual não religioso, bem como as questões estruturais, neste ensaio apresentadas com forte influência ce-palina.



À GUISA DE UMA CONCLUSÃO: APONTAMENTOS SOBRE O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

Usando a humildade acadêmica com um assunto desta complexidade, não convém encerrar o ensaio expondo conclusões, mas sim propondo reflexões para novos estudos e análises de possibilidades, visto que aqui me posiciono claramente contrapondo as ditas teorias das necessidades às teorias (nem sempre teorias) das possibilidades, em um momento histórico em formação.

O ensaio objetivou descrever as principais observações de Freud (2019) na obra *O mal-estar na civilização*, como disputas de poder, prazer, felicidade, questões sexuais, impulso de agressividade e a questão da igualdade na tríade fome, amor e culpa. Apontamentos que parecem atemporais, como um dos constructos desta reflexão, e que vão se ressignificando nos momentos históricos, com alterações supersimbólicas na contemporaneidade, mas sempre alicerçados nas relações psíquicas envolvidas na multidimensionalidade social, contemplando a organização da produção.

Dessa forma, percebo uma clara relação dos aspectos estruturais descritos por Freud, como a preocupação com o pensar o essencial para cada um, com a não alienação com questões que na verdade não são reais. Considerando as disputas de poder e como essa reflexão é contemporânea e alinhada aos aspectos considerados basilares para o Desenvolvimento Regional, denota-se, a meu ver, uma agenda de pesquisa.

Não consigo me furtar a uma crítica social que envolve essas questões já amplamente apresentadas de que o ser humano parece não viver sua essência e, com isso, aumenta seu sofrimento em vários aspectos, pela falta de visão de mundo, criando relações de gaiolas de ferro para esse sofrimento em busca do amor e do poder, sendo o próprio debate sobre crescimento e desenvolvimento uma possibilidade de mudança de paradigma.

Essa falta de essência aparece nas profissões planejadas somente pelo prisma econômico e de *status*, pelas políticas públicas não transversais, pelas dicotomias políticas sem profundidade, pela



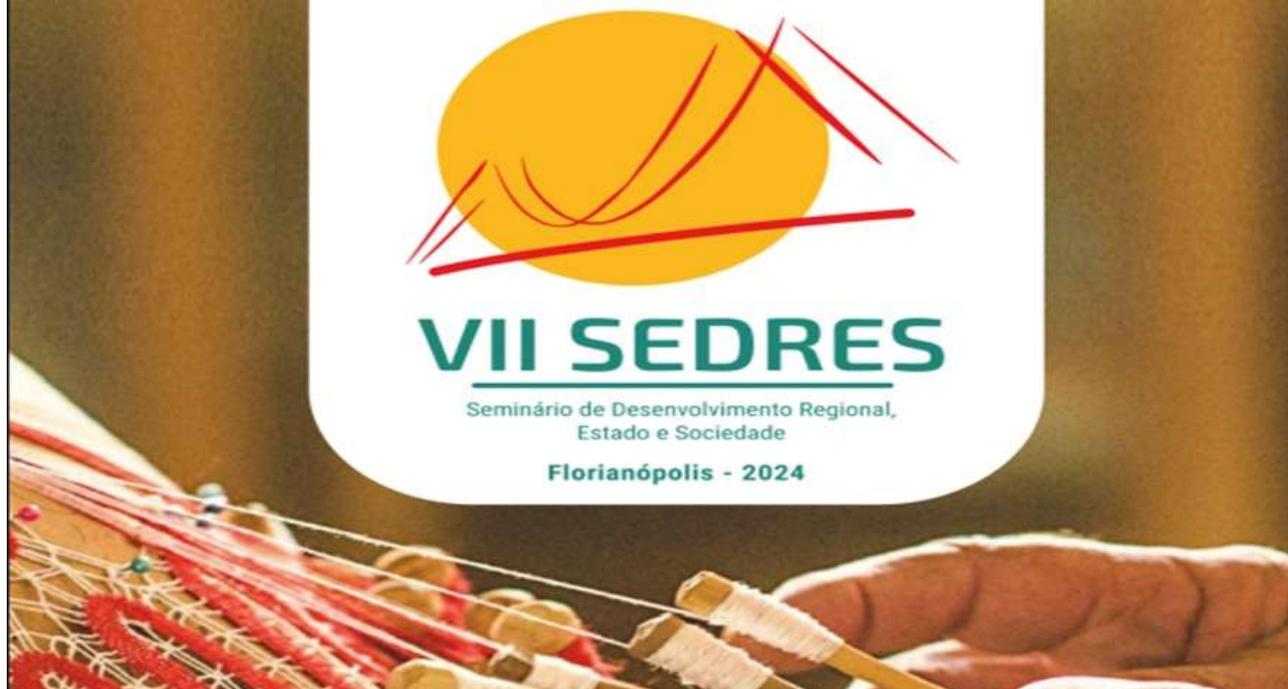
dinâmica organizacional unidimensional, e aqui eu poderia citar muitos outros exemplos. Aparece, também, nos variados hábitos da denominada sociedade do espetáculo, desenvolvida com o advento do uso excessivo da imagem, a partir do surgimento da televisão e, posteriormente, das redes sociais, fomentando um mundo supersimbólico, em muitos casos muito diferente do real (DEBORD, 1991).

Percebo, também, a importância do contexto histórico, tão comentado no campo do pensamento crítico, pois neste mundo da possibilidade pós-industrial, mais supersimbólico, o pensamento sobre essas questões de poder aparece ressignificado, possivelmente fortalecendo ainda mais a alienação das pessoas de pensarem no que não é realmente essencial, e sim no homegeinizado, muitas vezes repercutindo padrões de consumo incompatíveis nas mais variadas dimensões, desde a econômica até a cultural, só para citar mais um exemplo central. Entendo, então, o pensamento de Freud, em 1936, já preocupado com a emancipação, observando que a volta à civilização mais primitiva poderia até trazer mais felicidade.

Poderia fazer várias outras reflexões, mas finalizo aqui, pensando que essa transição de um modelo industrial ainda deixa impregnado na mente das pessoas o modelo dos tempos e movimentos industriais em todos os aspectos cognitivos. E a possibilidade pós-industrial – mais uma vez não me preocupando como os termos – ainda é algo que não sei bem o que é, mas talvez, pelas possibilidades supersimbólicas, traz acessos a outros serviços, à informação, entre outros fatores mas, mais uma vez, nem sempre para maior felicidade, fraternidade e para ligar a humanidade aos preceitos mais essenciais e para o que se entende como uma visão de Desenvolvimento Regional.

Como limitações, conforme já citei no início do ensaio, reconheço que é uma pretensão fazer todas essas relações; fui destacando aspectos que considere basilares nessa discussão interdisciplinar, mas não entendo como feitas todas as relações e análises de ressignificações da obra original que embasa as análises.

Como sugestão de novos estudos, recomendo uma agenda de pesquisa mais densa para os estudos regionais, destacando aspectos críticos das formas de organização da produção e seus impactos



econômicos, não econômicos, estruturais e no estilo de vida e alienação das pessoas, em uma leitura de contexto histórico.

REFÊRENCIAS

BÁRCENA, Alicia, BIELSCHOWSKY, Ricardo, TORRES, Miguel. El séptimo decenio de la CEPAL: una reseña de su producción intelectual. In R. Bielschowsky, M. Torres, M. (Orgs.), *Desarrollo e igualdad: el pensamiento de la CEPAL en su séptimo decênio. Período 2008-2018*. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/ad17fbef-c199-4669-9082-a1e79ea123e5/content>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BARROS FL, Clóvis de; Ddainezi, Gustavo Fernandes. *Devaneios sobre a atualidade do capital*. 1 ed. Porto Alegre: Sanskrito, 2014.

BELL, Daniel. *Las contradicciones culturales del capitalismo*. Alianza: Madrid, 1977.

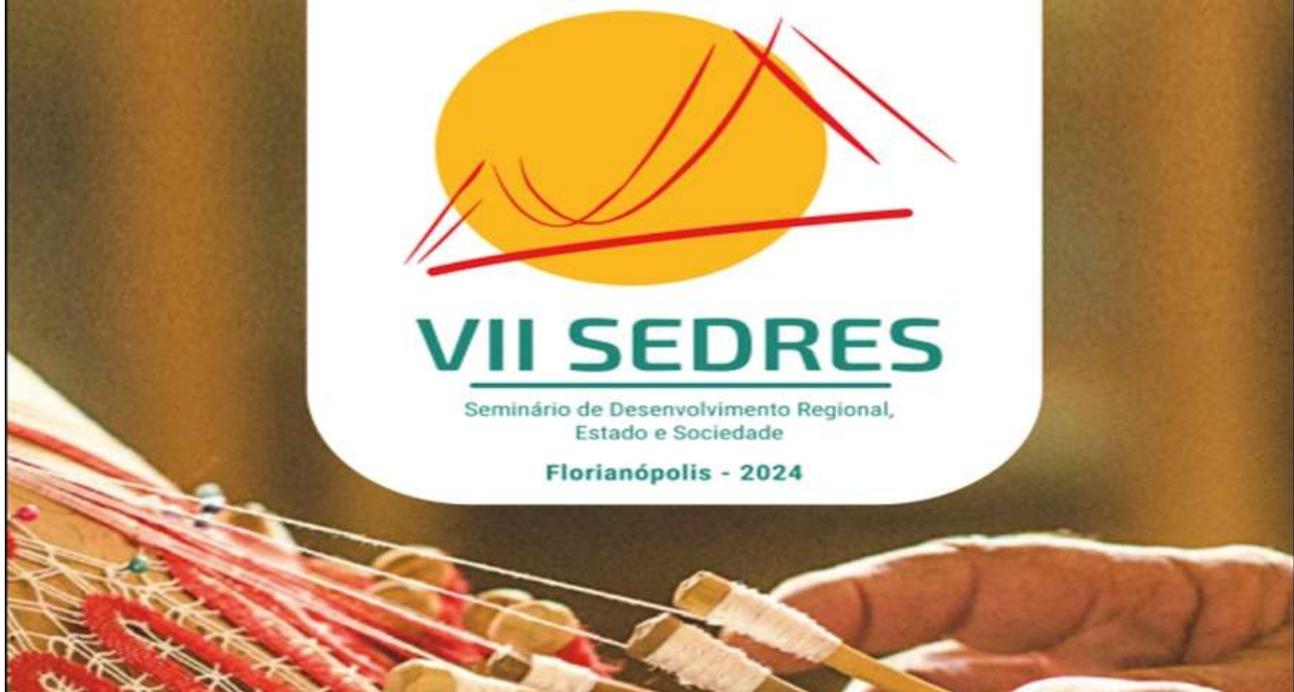
BENKO, Georges. *A ciência regional*. Oeiras: Celta, 1999.

BIESLCHOWSKY, Ricardo. Do “manifesto latino-americano” de Raúl Prebisch aos dias de hoje: 70 anos de estruturalismo na CEPAL. *Revista de Economia Contemporânea*, 24 (1). 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482020000100200. Acesso em: 14 nov. 2023.

BRANDÃO, Carlos. A. A condição latino-americana periférica-dependente e seus espaços. *Redes*, 28 (1). 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v28i1.18378>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Novo desenvolvimentismo – um segundo momento do estruturalismo latino-americano. *Revista de Economia Contemporânea*, 24 (1). 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482020000100204. Acesso em: 02 dez. 2023.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). *Pactos para a igualdade: rumo a um futuro sustentável*. Síntese. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe.



2014. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/items/7eb77777-d871-4df7-96f6-7615a32a0b25>. Acesso em: 10 out. 2023.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 1991.

DE PAULA, Ana Paula Paz. *Repensando os estudos organizacionais: para uma nova teoria do conhecimento*. 2016. Rio de Janeiro-RJ: Editora FGV.

EGLER, Claudio Antonio Gonçalves; BESSA, Vagner de Carvalho; GONÇALVES, André de Freitas. Pensar o território e a região: por uma agenda de desenvolvimento regional. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, 12 (28), 7-17. 2013.

FAVARETO, Arilson. (2022) O desenvolvimento regional em perspectiva: uma abordagem baseada na tríade atores, ativos e instituições. Atores, ativos e instituições: o desenvolvimento regional em perspectiva. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 17-43.

FONTOURA, Fernando Batista Bandeira da; WITTMANN, Milton Luiz. Organizações & desenvolvimento: reflexões epistemológicas. *Estudos do CEPE*, n. 43, p. 101-118. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/7427>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: LeBooks. 2019.

GRZYBOVSKI, Denize. A contribuição do desenvolvimento organizacional para promover mudanças na dinâmica dos sistemas sociais. Gramado-RS: *VIII encontro de estudos organizacionais da AMPAD*, maio/2014.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo, SP: Loyola. 1992.

HORKEIMER, Max. *Teoria crítica*. Buenos Aires: Amorrurtu. 1974.

KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva. 2005.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: ZHAR. 19972.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução Giasone Rebuá. Rio de Janeiro, RJ: ZHAR. 1973.



MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira. 1974.

MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas. 1996.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina. 2011.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas. 1989.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ. 1996.

REIS, José. Uma epistemologia do território. Ensaio de homenagem a António Simões Lopes. *Sociedade e Agricultura*, 13 (1), 51-74. 2005.

SCATOLIN, Fábio Dória. *Indicadores de desenvolvimento: um sistema para o Estado do Paraná*. Porto Alegre, RS. 1989.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; DEPONTI, Cidonea Machado; FELIPPI, Angela. Cristina Trevisan. *Reflexões teóricas e metodológicas sobre desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc. 2020.

TENÓRIO, Guilherme Fernando. Gestão social: uma perspectiva conceitual. *Revista de Administração Pública*, 32, 7-23. 1998.

TOFFLER, Alvin. *Powershift, as mudanças de poder: um perfil da sociedade do século XXI pela análise das transformações e natureza do poder*. Rio de Janeiro: Record. 1995.